

# *O OUTRO PARA ALÉM DE NÓS, OS HUMANOS*

*Carlos Rodrigues Brandão*



***Este escrito foi originalmente  
um capítulo de livro  
ou um artigo publicado ou utilizado  
para aulas e palestras.  
Nesta versão “nas nuvens”  
ele pode ser livre  
e gratuitamente acessado  
para ser lido ou utilizado  
de alguma outra maneira.  
Livros e outros escritos meus  
podem de igual maneira  
ser acessados livremente em  
[www.apartilhadavida.com.br](http://www.apartilhadavida.com.br)  
ou em  
[www.sitiodarosadosventos.com.br](http://www.sitiodarosadosventos.com.br)  
LIVRO LIVRE***

Como estou desejando trazer alguns depoimentos onde o amor e seus derivados e vizinhos aparecem em escritos de cientistas do passado e de agora, quero lembrar neste momento algumas passagens sugeridas por Herbert Marcuse e lembradas, em um notável artigo, por Jurgen Habermas. Já as havia utilizado com bastante proveito em um escrito anterior e faço a elas seguidas referências.

Temos encontrado com muita frequência uma espécie de viagem de volta na cosmicização da consciência e da sensibilidade do pertencimento pessoal e humanitário ao todo da Vida e do Cosmos em escritos que pendulam entre a ecologia profunda e suas variantes e uma neo-mística de sacralização da natureza. Ou seja, nos incontáveis escritos recentes onde uma ética antropocêntrica dá lugar relativo ou absoluto a uma ética

biocêntrica. Abramos por agora apenas uma pequena fresta em uma de suas janelas de frente para o sol. Senti-los: Universo, Natureza (“mãe”, mais do que um “lugar”), Terra-Gaia (idem) interligados, interativos, vivos e pan-dialógicos. e sentir-se pertencendo a este maravilhoso “élan vital” que tudo une e unifica e a tudo dá o seu verdadeiro sentido, convoca a pessoa de cada um de nós a uma nova *ética do ambiente*.

O desvelamento de uma nova afetiva compreensão deveria descobrir de maneira consequente e inevitável a face amorosa de nossa responsabilidade para com Nós Mesmos, a Vida e o Mundo. Eis o que estou chamando aqui, sem que a idéia e o conceito sejam meus, de uma nova *ética do ambiente*, ao mesmo tempo filha e irmã de uma polissêmica nova *lógica da natureza*, de onde saímos bem mais irmãos do universo do que senhores do mundo.

Nós nos acostumamos, não é verdade? a encontrar os fundamentos e os apelos deste multi-sensibilidade do reconhecimento de um amor cósmico em que tudo depende de tudo e o todo de tudo está inteiro em cada um de nós e em cada pequeno gesto que move a teia da vida e o fluxo do universo, em pessoas como Fritjof Capra, Ilya Prigogine ou no mais recente Leonardo Boff. Mas o que dizer quando se lê algo assim na Sociologia Crítica da Escola de Frankfurt? Estivemos recebendo páginas atrás uma breve visita de Theodor Adorno. Saibamos abrir a porta da casa em que nos reunimos por alguns momentos a dois de seus outros companheiros. As passagens que escolhi e que transcrevo aqui são de um artigo de Habermas dedicado a Marcuse por ocasião de seu 76º aniversário. Ele irá fazer – mesmo a um aniversariante – a sua crítica. Mas não é bem isto o que importa aqui.

Um novo caminho, um novo modelo ou paradigma da ciência não somente aparelhar-se teórica e instrumentalmente para “ver”, compreender e apropriar-se tecnologicamente da natureza em outros termos científicos. A origem dos males das ciências e tecnologias que praticamos vem de outros domínios da vida social e, de maneira interessada e dominadora, retornam a elas. É preciso que o modo ocidental e científico de pensar e de produzir os fundamentos da ação humana estabeleça para com a natureza o

desejo de um absoluto outro gesto: o de uma completamente outra interação.

Que uma natureza – a partir de nós próprios, corpos de seres chamados: pessoa – até aqui tornada objeto da cobiça e da experiência, e dominada em nome da própria racionalidade que reconhecemos em nós e não nos outros seres com quem a compartilamos, venha a ser olhada e compreendida como um outro complexo e diferenciado ser de relações, estabelecidas a partir de um agora sobre o mútuo reconhecimento e uma afetuosa reciprocidade. Uma reciprocidade entre dois sujeitos, e tornada possível por serem eles justamente diferentes, sem continuarem sendo, no entanto, arbitrariamente desiguais. Uma dominação costumeira da natureza estende a ela e a partir de sua reprodução um estado de dominação entre os próprios seres humanos. E a ciência que se acostuma a ela e consagra tais desigualdades deverá tomar um caminho radicalmente outro. Vejamos como isto foi pensado um dia por Marcuse, tal como apresentado por Habermas.

*Assim também Marcuse escreve: “o ponto que estou tentando mostrar é que a ciência, em virtude de seu próprio método e de seus conceitos, projetou e promoveu um universo no qual a dominação da natureza permaneceu vinculada à dominação do homem – um vínculo que tende a ter efeitos fatais para esse universo como um todo. A natureza, cientificamente compreendida e dominada, reaparece no aparato técnico da produção e destruição que mantém e aprimora a vida dos indivíduos, ao mesmo tempo em que os subordina aos senhores do aparato. Assim, a hierarquia racional se funde com a social. Se esse for o caso, então uma mudança na direção do progresso, que pudesse romper esse vínculo fatal, também afetaria a própria estrutura da ciência – o projeto científico. Sem perder o seu caráter racional, suas hipóteses se desenvolveriam num contexto experimental essencialmente diferente (o de um mundo pacificado); conseqüentemente, os conceitos de natureza aos quais a ciência chegaria, bem como os fatos que”. viria a estabelecer, seriam essencialmente diferentes”.*

Boa parte do que se lê acima provém, em alguma medida, da boa tradição de Marx, quando ele aqui e ali escreveu sobre como ao se dividirem e criarem aparatos através dos quais, ao dominarem a natureza para obterem dela a própria vida, os seres humanos acabaram por submetê-la de maneira injusta e excessiva. E isto fizeram ao mesmo tempo em que reiteravam, como um mesmo ato apropriador detonado em várias direções, a dominação arbitrária entre as pessoas, no correr da vida social. Eis a visão de Teilhard de Chardin meio que vista às avessas. A perda da conciliação entre os humanos inaugura a ruptura tão desejada de uma harmonia entre nós e o mundo natural. Pois a dominação, uma vez criada, exercida e consolidada em qualquer plano da existência, contamina todos os outros. Assim, um mundo outra vez pacificado entre nós, pessoas da cultura e da sociedade, deverá corresponder a uma pacificação também de nossas relações com a natureza, nossa casa e nosso eu mais ancestral original.

Marcuse apenas acrescenta aqui o fato de ser a ciência, hoje, o fator mais poderoso neste duplo sistema de dominação arbitrária, injusta e desnecessária. É ela, ciência, quem multiplica o poder humano de sujeitar a natureza ao arbítrio da produção de bens. É ela quem serve à reiteração das estruturas sociais da dominação entre os homens. É ela quem, na sociedade capitalista avançada, transforma-se em um dos fundamentos essenciais da própria ideologia da sujeição de pessoas aos “aparatos da produção” e de toda a natureza aos interesses instrumentais deste aparato.

Ora, e se a ciência nos conduz a este estado de crescente e ameaçadora desarmonia em todos os planos da existência que ela e os poderes que a movem podem alcançar, então a correção oportuna do caminho (= método) científico que nos mantém atados ao “vínculo que tende a ter efeitos fatais para esse universo como um todo”, deve ser procurado em uma ruptura absoluta “na direção do progresso que possa romper esse vínculo fatal”. Uma ruptura e uma viragem radical de rumos que deveriam provocar não apenas uma mudança substantiva nos métodos e em conceitos da própria ciência que o espírito do Ocidente criou, mas também uma transformação fundadora e correspondente de nosso olhar. De

nosso olhar de quem pesquisa e de nossa emoção (em ressonâncias ao estilo Maturana da palavra) de quem compreende o todo e cada unidade das interações entre Nós, entre Nós e a Vida e entre a Vida (através também de nós, humanos) e o Mundo. Enfim, uma transformação substancial do próprio sentido dado a nós e à nossa vocação, através das ciências que criamos. Vejamos como, retornando a dois parágrafos da leitura que nos inspira aqui.

*De maneira consequente, Marcuse tem em vista não somente uma outra construção de teorias, mas também uma metodologia de ciência que difere em seus princípios. O quadro transcendental, no qual a natureza se tornaria objeto de uma nova experiência, não seria mais a esfera de funções do agir instrumental, mas o ponto de vista de uma possível manipulação técnica cederia seu lugar a um tratamento que, com zelo e carinho, liberasse as potências da natureza.*

...

*Marcuse tem em mente uma atitude (Humberto Maturana diria: uma “emoção” – CRB) alternativa para com a natureza, mas não é possível derivar dessa atitude a idéia de uma nova técnica.*

*Em vez de tratar a natureza como objeto passivo de uma possível manipulação técnica, podemos dirigir-nos a ela como a um parceiro numa possível interação. Em vez de uma natureza explorada, podemos ir em busca da natureza fraterna. Ao nível de uma intersubjetividade ainda incompleta, podemos atribuir subjetividade aos animais, às plantas e, até mesmo, às pedras, e comunicar-nos com a natureza, em vez de nos limitarmos a trabalhá-la, quebrando a comunicação. E a idéia de que uma subjetividade da natureza ainda agrilhoadada não possa emergir antes que a comunicação entre os homens se torne livre, essa idéia – e isso é o mínimo que se pode dizer – continua a ter uma força de atração toda especial. Só se os homens pudessem se comunicar sem coação e se cada homem pudesse reconhecer-se no outro, só então a espécie humana poderia eventualmente reconhecer a natureza como um outro sujeito – não a natureza como o seu outro, como pretendia o idealismo – mas a si mesma, como sendo o outro desse sujeito.*

Retenhamos desta passagem apenas o que é o fio de nosso diálogo. E, mais do que tudo, as estranhas palavras: “zelo” e “carinho” e a frase que as une: !com zelo e carinho”. Lembro que páginas atrás, para responder sobre o que deveria conter a relação pedagógica para que a educação de crianças seja como deve ser, Theodor Adorno deixou de lado a filosofia e a didática e não encontrou outra palavra a não ser: amor. Pareceu-lhe, imagino, que ali nem mesmo algo como: “uma atitude pedagógica de respeito e carinhosa acolhida” caberia.

Assim também em Herbert Marcuse lembrado por Jurgen Habermas, o que nos liberta do mal que nós mesmos criamos, ao nos levar a “libertar as potências da natureza”, ao invés de subjuga-la e torna-la puro objeto de nossa cobiça, não é uma outra razão lógica – ainda que possa ser pensada *como* e *através* de um “razão comunicativa”, de que Habermas falará no mesmo artigo. Não é uma outra racionalidade que se baste a si mesma e que tenha o poder de nos transformar. E não é nem mesmo apenas um outro modelo de ciência e tecnologia, resolvido entre epistemologia e a política. É, antes, uma disposição de puro afeto original. É um par de anéis vivido como uma emoção condutora dos atos humanos, traduzido por palavras tão ingênuas que até mesmo os poetas de agora pensam duas vezes antes de escreve-las: “zelo e carinho”.

É esta emoção-atitude reverte todo o modo tradicional de relacionamentos entre o Ocidente e a Natureza, ao fundar com toda a necessária inocência possível, uma outra nova qualidade de interações com o Outro, qualquer Outro, em qualquer plano de relacionamentos. Estamos diante de algo mais do que um convite para a escolha de um caminho de destino possível, entre alguns outros. Os parágrafos acima – e eles apenas fazem coro com inúmeros outros, provenientes de cientistas de todos os campos do saber – dizem que o único caminho de objetiva e urgente salvação de Nós próprios, da Vida e de nossa casa comum, o Planeta Terra, é o de uma inversão de pensamento, de sensibilidade e de ação humana nas interações entre nós, seres humanos e sociais, e entre nós e toda a natureza, dos animais com quem compartilamos a vida às pedras, com quem compartilamos a matéria e seu espírito.

Traduzi faz algum tempo a minha primeira leitura dos textos lembrados aqui, com o frescor de uma descoberta importante em minha vida. Que me seja permitido, leitor amigo, reescrevê-las aqui de novo. Desta maneira:

*Entre a ilusão ocidentalmente antecipada de um cosmos dividido irreduzivelmente entre um polo humano de pura subjetividade e um polo “natural” de pura objetivação, e a tentadora ilusão exageradamente oriental de uma divinização neo-panteísta da natureza e seus seres, Habermas e Marcuse (na verdade mais Marcuse do que Habermas – CRB, hoje) convocam a uma posição extremamente simples: trazer o mundo da natureza ao palco da subjetividade. Alargar o lugar social do diálogo até o ponto em que outros seres, dotados de outras sensibilidades e, por certo, de outras disposições à comunicação, possam participar de uma mesma e muito diferenciada rede de comunicações conosco, ainda que não necessariamente sempre através de nós.*

*Assim, a natureza e seus seres individuais, apropriados até aqui de acordo com os nossos interesses, devem ser libertados de serem considerados como uma dimensão outra da existência – o que não significa negar a alteridade de suas diferenças – caracterizada por uma passividade essencial, sobre a qual é então possível o pleno exercício do domínio humano por meio do trabalho técnico regido pela utilidade social. Devem ser, assim, liberados para converterem-se numa alargada dimensão de diálogo e comunicação com/entre os humanos. Desde logo, a dominação arbitrária de um polo ativo e pensante sobre o outro, passivo e pensado, poderia passar a ser a comunicação e a troca de dons entre dois polos aos quais caberia o desafio de estabelecer os novos termos de uma lógica e uma ética de reciprocidades.*

*Eis o trabalho sobre a natureza-objeto transformada em uma espécie ainda desconhecida de inter-trabalho entre a-natureza-e-o-homem, recolocados como sujeitos um-para-o-outro. Este convite, ao mesmo tempo racional (mas de uma nova racionalidade) e amoroso, entre o zelo e o carinho, a uma natureza chamada a ser ativa, senhora de si mesma, dialogal e comunicante ao lado do*

*homem “no mundo”, obriga, de cara, o homem a uma capacidade de estender também aos seres da natureza, sujeitos naturais de seu ambiente, sentidos, sentimentos, afetos e gestos tidos, até aqui, como próprios apenas para as trocas recíprocas entre os humanos.*

...  
*Claro, isso vale por uma série de novos termos de uma oposição consagrada. Por exemplo, a passagem da passividade à atividade, onde os sujeitos do mundo natural não sejam percebidos como reagindo à ação do trabalho humano, mas co-participando de seu processo em sua dimensão própria. A passagem da subordinação à comunicação, em que, vimos, a idéia de um novo padrão de diálogo está sempre presente. A passagem de um campo de seres utilizáveis a um cenário de seres tomados na qualidade de suas subjetividades; dotados de subjetividade, de formas próprias de representação de si, de possibilidades de comunicação que, mais a nós do que a eles, toca desvelar. Enfim, todo um imenso e variadíssimo corpus de seres, de redes de relações, de experiências de vida, a respeito do qual pensamos e sobre o qual falamos (como agora, por exemplo) é chamado a pensar-se conosco e a dar-se a “falar” em outras, completamente novas mesas de diálogo.*

Em uma direção cognitiva e também gestual, esta inversão nos obriga a ver, pensar e nos relacionar com a natureza como um outro pleno sujeito conosco e diante de nós, aqui e agora. Em uma direção regida pela sensibilidade, ela nos convoca a uma interação que amplie a todos os domínios da existência a mesma qualidade de emoções que deve reger a lógica, a ética e a afetividade dos relacionamentos entre todas as pessoas, e todas as categorias de pessoas.

Por estranho que possa parecer, não existe no texto aqui citado aos fragmentos, e nem em outros escritos dos mesmos autores e de outros filósofos e cientistas que comungam com eles, uma crítica às estruturas e aos processos de poder e de dominação presentes na ciência e na tecnologia de nosso tempo, associada de maneira direta à proposta de uma outra ética de relações humanas frente ao mundo natural fundada em todo este amoroso e deslumbrado maravilhamento - entre a poesia e a mística -

encontrável em Pierre Teilhard de Chardin, em Fritjof Capra ou no Leonardo Boff dos últimos anos. A urgência de um novo olhar voltado à ciência, à técnica e à ética deriva de uma questão política; de um desespero bem prático: “façamos assim, procedamos desta maneira, reeduquemos nossas idéias e os nossos afetos, ou não haverá mundo vivo e humanidade dentro de pouco tempo”. Uma volta breve aos parágrafos de Habermas/Marcuse poderá confirmar isto, pois é com palavras drásticas, como as de um cientista em momento de profeta, que se anuncia algo pior do que a simples barbárie, se seguirmos pensando, sentindo e agindo *com* e *através* dos princípios e valores das ciências modernas que nos pensam e ao nosso mundo por nós.

Pois bem, em termos mais de uma ética dos direitos essenciais do que de uma urgente política de sustentabilidade que torne menos desigual e ameaçador o próprio desenvolvimento social, no que ele envolve – e ele sempre envolve - modos de relacionamentos entre os seres humanos, e estilos de interações entre eles e outros domínios e seres do mundo natural, um tratar a natureza com “zelo e carinho” , como gestos do afeto e da ação em que o amor é a fonte e o ato original, não deveria possuir os seus motivos nos nossos interesses de sobrevivência. Ao contrário, eles devem ter os seus motivos nos direitos essenciais não somente nossos, os seres humanos, fração reflexiva da vida, mas estendidos a toda a Vida, ela própria. A vida e o seu fluxo, e a unidade de seu todo, e a biodiversidade de cada um de seus incontáveis herdeiros, de uma minúscula bactérias, a nós, seres humanos.

Pois bem, No mesmo artigo em que eu transcrevi pela primeira vez as citações lembradas de novo aqui, coloquei também duas outras passagens com um teor muito parecido. Eu já havia visto idéias assim antes, em livros e manifestos sobre direitos da Vida à vida. Mas confesso que fiquei assustadoramente feliz ao descobri-las em um dos artigos do mais importante e mais controvertido antropólogo de nosso tempo. Estão em um escroto não muito conhecido de Claude Lévi-Strauss: *réflections sur la liberté*. Como outros homens e mulheres de pensamento da França de seu tempo, ele foi consultado há alguns anos a respeito de pontos

críticos da Constituição Francesa. Tocou a ele (e a quem mais?) dizer algo sobre a *liberdade*. Em seu bom francês de origem ele escreveu assim.

*Peut-on concevoir alors un fondement des libertés dont l'evidence soit assez forte pour qu'elle s'impose indistinctivement à tous? On n'en aperçoit qu'un seul, mais il implique qu'à la définition de l'homme comme être moral, on substitue – puisque c'est son caractère le plus manifeste – celle de l'homme comme être vivant. Or, si l'homme possède d'abord des droit au titre d'être vivant, il en résulte immédiatement que ces droits, reconnus à l'humanité en tant qu'espèce, rencontrent leurs limites naturelles dans les droits des autres espèces. Les droits de l'humanité cessent donc au moment précis où leur exercice met en péril l'existence d'une autre espèce.*

Quero reter de toda a ousada proposta de Claude Lévi-Strauss apenas um aspecto, pois ele faz parte do fio de linha condutor desta viagem de afetos e de idéias. Falo do reconhecimento. Falo de uma alteração de identidade essencial que sob a aparência de diminuir algo da dignidade humana, na verdade a amplia bastante, porque ao invés de indefinir a essência do quem somos, ela a alarga até um outro círculo. Já não somos desiguais diante dos e superiores aos outros seres da Vida por sermos seres morais (e eles não) ou sociais (e eles imperfeitamente), porque podemos nos irmanar a eles identificando-nos, tanto quanto a eles, pelo que nos torna ao mesmo tempo iguais, idênticos e profundamente diversos, diferentes. Somos, como os animais e as plantas, seres da Vida. Somos, como as pedras e o sal dos mares, seres do mesmo Universo, habitantes provisórios da mesma casa, a Terra.

Assim sendo, e se isto pudesse ser parcial ou – melhor ainda – integralmente estabelecido como emoção, como consciência e como disposição moral, pelo menos os seres vivos não humanos com quem dividimos não a humanidade que nos toca, mas a vitalidade que nos irmana, deixariam de serem coisas vivas à nossa disposição e se integrariam conosco no círculo fraterno do Outro. É uma perversa e costumeira relação de subjetividade-coisidade nas nossas interações com as pessoas de animais e de

vegetais daria lugar, como também em Marcuse, a uma múltipla, realista e maravilhada interação entre diversidades de subjetividades.

Isto já seria muito e bem mais felizes viveríamos e toda a Vida do Mundo se assim fosse. Mas este reconhecimento do até aqui “coisa” como espécies múltiplas de “Outros” poderia sugestivamente nos conduzir a algo ainda além de apenas uma ética-política de extensão dos direitos humanos a todos os seres com quem compartilamos a aventura da Vida. E Marcuse, o tão crítico Marcuse já nos sugeria linhas e páginas atrás este mais além. O desafio de nos propormos a pelo menos pensar e sentir uma outra m]qualidade essencial de reciprocidades com os outros seres da Vida, habitantes como nós da Natureza. O desafio de nos voltarmos à natureza e aos seus seres – dos animais às pedras, pasmem! – como sendo ela no seu todo e sendo eles em suas pessoalíssimas (como nós, humanos) unidades individuais de afetos, de identidades e de direitos. No fim das contas, seres-sujeitos “objeto” de uma interação onde a comunicação como um diálogo se impõe. Não um diálogo entre iguais, pois entre absolutos iguais há tudo, menos o diálogo, mas entre diferentes não-desiguais igualados em direitos e através da comunicação generosa, “com zelo e carinho”.

Pois, como pode a minha compreensão amorosa chegar um dia a brindar-me com a consciência plena de que sou parte de tudo do Todo do Universo vivo e vivente sem que ela me devolva o correspondente dever de me sentir afetuosa e ativamente responsável pela fração ínfima e infinita do Todo Cósmico de que sou parte e partilha, assim como responsável por cada um dos seres da Vida a quem tocou compartilhar comigo tempos e espaços de uma mesma teia da Vida? É muito? Pois um dia o amor será tanto que até isto será pouco!

E, então, talvez venha o tempo em que todos sejamos a tal ponto pessoas irmanadas com o mistério da vida que, em uma extensão máxima do preceito do Evangelho, qualquer pequeno mal a ela nos atingirá de maneira direta. Não apenas porque será de nosso interesse protegê-la em cada uma de suas manifestações em que isto possa ser realizado dentro de nosso campo de ação. Não

somente porque a amamos como algo que a cada instante revela o amor de um Deus criador e, também, a nossa parcela de responsabilidade pessoal e coletiva na continuidade de seu próprio gesto original de criação. Também por isto, claro, mas de maneira mais motivada, nós procederemos assim porque já não saberemos mais quem somos, onde findamos em nosso corpo e nosso espírito, e quem é e em que nos abarca amorosamente tudo “isto” de quem somos, tudo “isto” que sou eu também.

Será que irei me repetir na próximas linhas? Retornemos sete passos atrás. Então tudo se resume de alguma maneira em: “como eu me disponho a conhecer e a considerar o que existe e “está aí”, diante de mim? Diante de mim não como uma idéia, como um objeto de, como um ser-de-utilidade, um motivo-de-interesse para mim, mas como um Outro, como uma dimensão não redutível da Alteridade. Como uma qualquer forma do Ser do gesto da Vida, cuja simples presença aqui, agora, já me é uma abertura ao desafio do amor. Pois o Outro, Outro-Eu, Meu-Outro, o Ser através de quem sou a cada momento, enquanto vivo com ele um momento de um diálogo, é tudo, menos uma idéia. Pois antes até de poder vir a ser a qualificação social de si-mesmo através de meus atributos culturais de identidade sobrepostos a ele para que “falar com ele” me seja possível, ele me é a sua própria imagem. Ele se dá a mim como uma presença única, absoluta. Antes de mais nada, como um rosto. Pois tudo o que há é um rosto.

E é por isso que de todas as palavras e imagens do ***Eu e Tu*** de Martin Buber, eu quis escolher a de uma árvore. Ou melhor: a pessoa de uma árvore. Saibamos vê-la ao lê-lo.

*Eu considero uma árvore.*

*Posso apreende-la como uma imagem.*

*Coluna rígida sob o impacto da luz, ou o verdor resplandecente repleto de suavidade pelo azul prateado que lhe serve de fundo.*

*Posso senti-la como movimento: filamento fluente de vasos unidos a um núcleo palpitante, sucção de raízes, respiração das folhas, permuta incessante de terra e ar, e mesmo o próprio desenvolvimento obscuro.*

*Eu posso classifica-la numa espécie e observa-la como exemplar de um tipo de estrutura e de vida.*

*Eu posso dominar tão radicalmente sua presença e sua forma, que não reconheço mais nela senão a expressão de uma lei – de leis segundo as quais um contínuo conflito de forças é sempre solucionado ou de leis que regem a composição e decomposição das substâncias.*

*Eu posso volatiliza-la e eterniza-la, tornando-a um número, uma mera relação numérica.*

*A árvore permanece, em todas estas perspectivas, o meu objeto; tem seu espaço e seu tempo, mantém sua natureza e sua composição.*

*Entretanto, Pode acontecer que simultaneamente, por vontade própria e por uma graça, ao observar a árvore, eu seja levado a entrar em analogia com ela; ela já não é mais um ISSO. A força de sua exclusividade apoderou-se de mim.*

*Não devo renunciar a nenhum dos modos de minha consideração. De nada devo abstrair-me para vê-la, não há nenhum conhecimento do qual devo me esquecer. Ao contrário, imagem e movimento, espécie e exemplar, lei e número estão indissolúvelmente unidos nessa relação.*

*Tudo o que pertence à árvore, sua forma, seu mecanismo, sua cor e suas substâncias químicas, sua “conversação” com os elementos do mundo e com as estrelas, tudo está incluído numa totalidade.*

Gosto muito desta passagem, a mais natural e a mais botânica de todo o *Eu e Tu*. Entre outros motivos, porque ela me livra de um perigo; de uma encantada tentação sempre presente. A de, no vôo de um salto entre o mais arcaico e o mais “pós-moderno”, abandonar o ver no Todo o Ser de cada um e enxergar em tudo apenas o movimento sem o rumo, o fluxo sem a direção e a multidão dos múltiplos sujeitos já sem os seus nomes. Tais os danos de uma cosmicização para-panteisante onde a totalidade mais do que construída é imposta e se dá a conhecer justamente através do apagamento da personalidade dos seres que a somam. Então tudo ameaça se tornar a vertigem das tramas das teias, os fios dos tecidos e o entrelaçado dos panos já sem o nome da tessitura cósmica de um Universo perdido de rostos e de pessoas. E é quando, então, sendo o que somos, elos de uma mesma história que é nossa e de toda a Vida, deixarmos de ser a preciosa pessoa de cada um de nós – irreduzível, imprescindível,

insubstituível – para nos tornarmos nada mais do que uma posição em um sistema, um momento em um processo, uma fagulha em um fogaréu de cuja própria razão de ser já nos esquecemos. E é quando Martin Buber descobre – e nos diz – que na árvore que se A minha árvore não é uma impressão, um jogo de minha representação ou um valor emotivo. Ela se apresenta “em pessoa” diante de mim e tem algo a ver comigo e, eu, se bem que de modo diferente, tenho algo a ver com ela.

Que ninguém tente debilitar o sentido da relação: a relação é reciprocidade.

Teria então a árvore uma consciência semelhante à nossa? Não posso experienciar isso. Mas quereis novamente decompor o indecomponível só porque a experiência parece ter sido sucedida convosco? Não é a alma da árvore ou sua dríade que se apresenta a mim. É ela mesma quem se vê, quando se olha com amor. Então diante de mim existe o ser da árvore, único.

E ele é a sua pessoa, portanto, já que ao conseguir enfim chegar a este limite de consideração do Outro para mim, tudo o que há pode ser alçado à individualidade irreduzível de sua própria pessoa. Este é o momento em que nos termos próprios a Martin Buber eu não “experencio” um Outro, porque de modo algum eu não posso reduzi-lo à minha experiência dele ou sobre ele. Eu me relaciono com ele enquanto ele renuncia a fazer de mim objeto de sua experiência. Não muito longe do novo modelo de relação entre o cientista e o sujeito-não-objeto de seu trabalho, sugerido por Herbert Marcuse e lembrado aqui através de Jurgen Habermas.

Já que estamos, leitor amigo, quase perto do final desta viagem, porque não voltar de novo a Pierre Teilhard de Chardin? Ele que desde o começo dos anos sessenta nos dizia de um amor que se abre em diálogos entre círculos que vão do vírus que mora no meu corpo ao Cosmos onde eu tenho a minha casa, ele bem poderia ser o pregador de uma evolução de tudo em direção a um Todo cuja plena realização seria a dissolução do individual na totalidade e da pessoa amada por um Deus-Pessoa, na pessoa de um Deus onde tudo e todos perderíamos a nossa própria identidade. Mas não, pois é justo o contrário. Tudo o que se transforma converge. Tudo o que converge espiritualiza. Tudo o que

espiritualiza totaliza. E tudo o que totaliza recupera no Todo a pessoa inteira de cada ser colocado agora em sua plenitude dentro do coração amoroso do próprio Ser. Assim, em termos bem concretos, no correr da história ...

*A partir do homem, ao contrário, mudam as condições. Em virtude mesmo do fenômeno das “reflexão”, a partícula viva se fecha definitivamente sobre si. Começa a agir e a reagir como um centro de valor incomunicável, e portanto intransmissível. Vive para si, como também e ao mesmo tempo para os outros, É personalizada.*

...  
*Coletivização, supersocialização, no caso do Homem, só podem portanto significar superpersonalização, isto é, em última análise (pois só as forças do amor possuem a propriedade de personalizar unindo), simpatia, e unanimidade.*

*É numa direção e sob a forma de um só “coração”, melhor ainda que um só cérebro, que podemos representar-nos a Super-Humanidade*

E assim é também com Martin Buber que chegamos a Deus. E chegamos a Deus com ele por uma razão que nos remete, ao quase final desta viagem, a seu começo. Buber deseja nos deseja livrar de conceber Deus como uma “idéia na mente”, como um simples “afeto no coração” ou, pior ainda, como a abstração de um panteísmo perverso (mas existem os bons, como o “pananteísmo” em alguns de seus escritos lembrado por Leonardo Boff), perdido no todo de um caos confuso e desejoso de ser um indiferenciado e carnavalesco “cosmos”. Vejamos.

Não há porque não aproximar este Deus-Pessoa enunciado aqui por um judeu que dedicou ao diálogo com o Outro quase toda a sua vida, da imagem Cósmica de um Deus Criador presente em cada fração e no Todo de sua própria obra. Esta é também, creio eu, a imagem e a fé de Pierre Teilhard de Chardin, para quem a pessoa de Deus ademais de possuir o seu rosto desde muito antes da origem de todas as coisas, quis fazer-se também através da pessoa histórica de Jesus Cristo, um Outro ao mesmo tempo divino e qualquer. Pois muitos de seu tempo terão cruzado com ele e o ignorado, como um alguém que não merece uma conversa de

esquina.

Para que Deus possa ser acreditado, não pelo seu poder, o que é próprio dos ídolos e dos homens, mas por algo de uma outra qualidade: o amor, é necessário que Ele saia de si e, como nós, humanos, entre em relação com os seus outros. Entre “eles”, nós, frágeis criaturas de barro e água, mas, de qualquer maneira, a invenção mais semelhante ao próprio Deus que um Deus soube animar sobre a Terra.

*A relação com Deus como pessoa é indispensável para quem, como eu, não entende por “Deus” um princípio, embora místicos como mestre Eckart, às vezes assemelhem-no ao Ser; para aquele que, como eu, não identifica “Deus” com uma idéia, embora filósofos como Platão, possam, às vezes, tê-lo concebido como tal; para quem, sobretudo como eu, entende por “Deus” – não importa o que ele seja além disso – aquele que entra numa relação imediata conosco homens, através de atos criadores, reveladores e libertadores possibilitando-nos, com isso, a entrar em uma relação imediata com Ele. Este fundamento e este sentido de nossa existência constituem, a cada vez, uma mutualidade que só pode existir entre pessoas.*

*Embora o conceito de personalidade seja, sem dúvida, incapaz de definir a essência de Deus, é possível e necessário, no entanto, dizer que ele é também uma Pessoa.*

Eis-nos chegados ao final da viagem. Entre a árvore, a pessoa humana e a de Deus, procurei, em uma inesperada e sugestiva sucessão de textos entremeados de algumas reflexões pessoais, colocar por escrito algumas entre tantas compreensões a respeito da “descoberta do outro”, do desejo do diálogo e de sua consequência primordial: o encontro do amor e o seu caminho em busca do Amor. Difícil caminho, devemos reconhecer, porque ele tanto nos abre à maravilha de nos descobrirmos inteira e pessoalmente envolvidos na teia da Vida e nas tramas do Cosmos, obra de um deus pessoal que tudo criou e para cuja amorosa Pessoa tudo converge, quanto nos obriga a resolver o dilema destas duas perguntas para as quais somente o próprio amor tem a

resposta: “quem é o meu Outro, o próximo a quem devo e desejo amar como a mim mesmo?”; “até onde, até quem do que existe vai o Outro a quem o amor me obriga?” A quê, a quem me obriga um amor que, como a própria vida, vai da mínima ameoba à mente de Deus, passando por mim e por você, leitor amigo?

Algo que com a maneira simples de dizer o que crê ou o que aprendeu a saber, Carlos Josaphat chama de *Amor Universal*. Assim, por exemplo:

*Professar nossa fé e em Deus Criador é reconhecer Deus dando o que há de mais íntimo em nós, agindo da maneira mais delicada (com “zelo e carinho”, Marcuse? CRB) estabelecendo uma relação única, de Criador/criatura. Essa relação não se pode comparar a nenhuma outra entre duas criaturas, mesmo entre anjos ou de anjos com outro ser finito.*

*Sem dúvida, somos seres no mundo e formando um mundo. Estamos entrelaçados como um feixe luminoso ou uma ciranda infinita de criaturas no mais profundo abraço, que nos envolve totalmente e toca as fibras mais íntimas do próprio ser de cada um e faz a conexão de todos. Há um certo progresso de mentalidade moderna que redescobre as redes de energias que ligam as diferentes camadas de nosso ser a todos os demais seres próximos e distantes.*

*Através e para além dessa fraternidade com as coisas, somos destinados à intimidade que supera todo conhecimento e toda afetividade de caráter limitado. Quando digo “Creio em Deus Pai Criador de meu ser e de todos os seres” – essa subida vertical para o Princípio e Fonte do Amor, confirma e supera a primeira fraternidade que forma o cosmo. Esse ato de fé desperta no ser humano uma nova onda de **amor universal** e ordena nele as formas e degraus desse amor.*

Já é tarde. Fiquemos por aqui. Aqui eu paro, mas, olhe em frente. O caminho de onde viemos ainda segue adiante e vai tão longe. Você prossegue a viagem? Claro ... por que não? Foi isto o que consegui trazer e escrever: alguns fragmentos de leituras que de vez em quando até parecem distantes umas das outras. Busquei aproxima-las aqui, olhando-as pelo caminho que vai do amor ao

diálogo e de Mim a Você e de Nós a Todos e ao Todo para o qual não seria indevida a palavra Deus.

Lamento não haver conseguido mais do costurar este pequeno emaranhado de palavras e de imagens, um pouco às pressas e entre algumas viagens, idéias e sentimentos cuja densidade de sentido poderia ser maior e mais afortunada. Mas como este, leitor amigo e companheiro de destino, é um texto sobre o diálogo e com o desejo de que ele não termine, quem sabe? de repente você volta um dia e chega. E então para aqui de novo, onde ficamos, e abre a porta da casa e entra e senta em volta da mesa e me olha no rosto, e diz: ...